



As estratégias políticas e midiáticas do Movimento Gay da Região das Vertentes (MGRV) na Parada Gay de 2011: um estudo de caso¹

Carlos Henrique Gonçalves Bem²

Natália Silva Giarola de Resende³

Luiz Ademir de Oliveira⁴

Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG

RESUMO

Este artigo tem por objetivo discutir como o Movimento Gay da Região das Vertentes (MGRV) construiu um debate sobre os direitos humanos, luta contra a AIDS e o combate a homofobia, machismo e racismo a partir da adoção de estratégias de comunicação utilizadas durante a parada da cidadania e do orgulho de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais da Região das Vertentes, na cidade de São João del-Rei, Minas Gerais, no ano de 2011. Ao tomar como corpus de análise o material produzido e divulgado na 4ª Parada do Orgulho LGBT do Campo das Vertentes, a pesquisa constata a importância dos meios de comunicação para a garantia da visibilidade e o avanço no debate da garantia da cidadania plena e dos direitos humanos LGBT numa das cidades históricas no interior de Minas Gerais.

PALAVRAS- CHAVES: Homossexualidade, Movimento LGBT, estratégias midiáticas, estigma, Parada Gay

1. Introdução

A mídia, conforme Rodrigues (1990), passa a ter um papel fundamental na era contemporânea, ao se configurar como um novo referencial de mundo. É a partir dos meios de comunicação que os cidadãos se informam sobre o atual estado do mundo. Além disso, a instância midiática tem a tarefa de servir de mediadora da vida social, em que os demais campos sociais buscam visibilidade e legitimidade para as suas ações.

Neste contexto, constata-se como, na atualidade, por exemplo, as organizações não-governamentais (ONGs) têm recorrido à mídia para ganhar visibilidade e reforçar a sua atuação na sociedade. Uma evidência clara disso pode ser relacionada às estratégias

¹Trabalho apresentado no Intercom Júnior (IJ)8 – Estudos Interdisciplinares do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012. O artigo é resultado do Programa de Extensão – PROEXT/MEC/SESU – “Centro de Referência em Direitos Humanos e Combate à Homofobia”.

² Graduando do 5º período do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de São João del-Rei - carllosbem@hotmail.com

³ Graduanda do 7º período do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de São João del-Rei - nati.giarola@gmail.com

⁴ Doutor em Ciência Política e professor Adjunto I do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) – luizoli@ufs.br



políticas e midiáticas do Movimento LGBT, que, emergiu nos anos 70, e consolidou-se, principalmente, na década de 90. Hoje, o movimento se expandiu e atinge um grande público, utilizando, principalmente, a ocupação do espaço da mídia.

Dessa forma, os meios de comunicação, também, ocupam papel central na construção de uma consciência cidadã de tolerância à diversidade sexual. Neste contexto, o Movimento Gay da Região das Vertentes (MGRV) propôs a criação de um projeto com foco em comunicação para trabalhar o tema dos direitos humanos, sobretudo, no enfrentamento da homofobia. Como a homossexualidade está diretamente ligada à própria formação das sociedades (Foucault 1984), é importante compreender como ela se articula em contextos sociais, culturais e históricos para representá-la.

Durante muito tempo, os homossexuais foram considerados como seres inferiores, que possuem algum tipo de deformação e anormalidade, sendo estigmatizados, por terem um comportamento desviante, fora dos padrões sociais estabelecidos (Goffman, 1982). Tal afirmação ainda pode ser verificada no cotidiano da vida destes indivíduos e, mesmo em situações em que se afirma ter uma maior aceitação, como ocorre nas Paradas Gays, que muitas vezes são vistas na ordem do pitoresco, do engraçado. Dessa forma, o MGRV executa ações para ocupar o discurso da mídia e superar estes espaços, principalmente envolvendo temas como respeito à luta pela cidadania, direitos humanos e prevenção de doenças, como a AIDS.

Com base em referências teóricas, como Goffman (1982), Castells (1999), Foucault (1984), Brito (2000), Dagnino (1994), o artigo pretende analisar como foram utilizadas as estratégias de comunicação pelos movimentos sociais e, mais especificamente, o movimento LGBT, para abordar temas como homossexualidade, direitos humanos e cidadania. Para tal, será utilizado como metodologia um estudo de caso tendo como *corpus* de análise o material produzido e divulgado na 4ª Parada do Orgulho LGBT de São João del-Rei e Campo das Vertentes em 2011.

2. Revisão de literatura

2.1 Estigma e homossexualidade

Quando se coloca em discussão a homossexualidade, o conceito de estigma traz importantes contribuições, tendo em vista o preconceito que ainda existe contra pessoas que mantêm relacionamento com pessoas do mesmo sexo. Goffman (1982) fez um trabalho que se tornou referência sobre os grupos estigmatizados, baseando-se em métodos da Antropologia Social. O autor desenvolve uma análise sobre estigma e



identidade e faz um estudo sobre os diversos aspectos da situação do indivíduo estigmatizado (boêmios, delinquentes, prostitutas, ciganos, mendigos até músicos de jazz). Apesar de não incluir o público LGBT, pode-se fazer uma relação, porque é muito apropriada. Goffman argumenta que estes indivíduos são excluídos e inseridos numa espécie de negação coletiva da ordem social. Muitas destas pessoas são tidas como desviantes por não se enquadrarem nos padrões estabelecidos.

Nesse sentido, os conceitos e o trabalho etnográfico de Goffman (1982) articulam-se de forma consistente aos estudos sobre a homossexualidade, tendo em vista que, na sociedade, prevalece a idéia de que a normalidade está no comportamento heterossexual. Mesmo com as lutas em busca de superar o preconceito, os homossexuais ainda são muito estigmatizados, por terem um comportamento desviante, fora dos padrões sociais estabelecidos. Isso pode ser constatado no cotidiano da vida destes indivíduos e, mesmo em situações em que se afirma ter uma maior aceitação, como ocorre nas Paradas Gays. Parte do público que lota tais eventos são heterossexuais que comparecerem até para ver o que, para eles, muitas vezes, é da ordem do pitoresco, do engraçado.

Com base no conceito de estigma, Goffman (1982) utiliza métodos da Antropologia como a observação do comportamento das pessoas em locais públicos. Procura investigar, então, como determinados grupos de pessoas, por diferentes motivos, tornam-se incapazes de se submeterem aos padrões considerados normais da sociedade vigente. Constituem-se indivíduos, seja por questões físicas, psíquicas, que assumem posturas diferentes das outras pessoas dentro do seu universo cultural.

Goffman (1992) conceitua estigma não como um atributo pessoal, mas como uma “nomeação social” que surge a partir das interações sociais existentes relacionadas à ideia de identidade. O autor cria uma tipologia e divide em três tipos de estigmas: os gerados por deformidades físicas, os relacionados à questão da moralidade (nos quais estão incluídos os homossexuais, as prostitutas), e os que têm a ver com raça, nação e religião (os judeus, por exemplo, sofreram atrocidades pelos nazistas em função de uma visão estigmatizada, assim como os negros, no caso do Brasil).

Conforme analisa Goffman, muitas vezes, o diferente é considerado sinônimo de inferioridade, que possui alguma “deformação”, uma “anormalidade”. Isso justifica, por exemplo, por que durante bom tempo, desde o final do século XIX, a Psiquiatria definia a homossexualidade como uma doença a ser tratada – na época denominava-se



homossexualismo. Somente posteriormente a partir de lutas travadas pelos movimentos LGBT contra os preconceitos e os estigmas sofridos que tal concepção da ciência foi alterada e foi mudada, inclusive, a expressão homossexualismo para homossexualidade, por entender que se não se trata de uma escolha de vida, mas sim de uma identidade individual.

Goffman explica que, por adotarem comportamentos diferentes da maior parte da sociedade, os sujeitos estigmatizados têm dificuldade de consolidar uma identidade. Isso é bem evidente nos homossexuais. No entanto, as comunidades homossexuais – sejam de gays, lésbicas ou travestis – ao mesmo tempo em que ainda sofrem preconceito estão cada vez mais inseridas na sociedade contemporânea e criam formas de resistência contra os estigmas e a discriminação.

Ao analisar os estigmas, Goffman dedica uma parte para o estudo das interações entre os estigmatizadores (os “normais” que ditam as regras ou que se consideram bem socializados) e os indivíduos que têm o chamado comportamento desviante (aqueles que não se submetem às regras sociais). Constitui, porém, interações marcadas por conflitos, uma vez que os estigmatizadores procuram ou tentam enquadrar os estigmatizados e, quando não conhecem, isolam e discriminam os indivíduos desviantes.

É desta relação de conflitos que surgem os casos de violência física e verbal. Isso pode ser comprovado pelas estatísticas em relação aos homossexuais: são agredidos e assassinados. No caso dos homossexuais, é muito comum, principalmente, nos centros urbanos e até mesmo no interior, serem vítimas de violência. A própria criação do movimento homossexual surgiu na cidade de São Francisco, nos Estados Unidos, depois da violência de policiais contra um grupo de homossexuais.

2.2 Cidadania e movimentos sociais

Se os estudos de Goffman são importantes pela forma como as comunidades LGBT ainda são estigmatizadas, há outra discussão importante a ser feita que, de certa forma, mostra um outro lado. Diz respeito à luta pela cidadania e pelos direitos humanos que se iniciam de forma mais intensa nos anos 70 e hoje resultaram em várias conquistas para os homossexuais e minorias. Castells (1999), ao discutir as identidades nas sociedades contemporâneas, estuda os movimentos sociais do final do século XX e trata também da emergência do movimento GLS. O autor discute a identidade como uma multiplicidade de papéis representados no cotidiano de cada indivíduo. Suas experiências, seus hábitos e seu meio, estruturado e definido pelas instituições e



organizações da sociedade. Aos papéis cabe a representação do ator, a organização das funções que cada indivíduo exerce enquanto pessoa que vive e participa de uma sociedade, enquanto a identidade organiza o significado, que Castells define como identificação simbólica por parte de um ator social.

Evelina Dagnino (1994) explica esta nova concepção de cidadania e aponta as diferenças entre esta visão e a que prevaleceu até os anos 80. Para a autora, há duas dimensões que presidem a emergência da nova noção de cidadania: em primeiro lugar, está intrinsecamente ligada à experiência concreta dos movimentos sociais, tanto os do tipo urbano, quanto os movimentos de negros, mulheres, homossexuais, ecológicos etc. e lutam pelo direito à igualdade e ao mesmo tempo à diversidade; e em segundo lugar, a esta experiência, agregou-se uma ênfase mais ampla na construção da democracia.

A autora argumenta que a emergência de uma nova noção de cidadania pode ser compreendida a partir de seis pontos básicos: (1) remete à noção de direitos - direito a ter direitos. Não se limita a conquistas legais, mas a implementação de novas conquistas. O direito à autonomia sobre o seu próprio corpo, no caso dos homossexuais, é exemplo dessa criação de novos direitos. É possível afirmar que essa redefinição contempla não só direito à igualdade, mas também o direito à diferença; (2) requer a constituição de sujeitos sociais ativos, definindo o que eles consideram ser os seus direitos e lutando pelo seu reconhecimento. Nesse sentido, é que se vê a importância dos movimentos LGBT como uma estratégia dos não-cidadãos, dos excluídos, uma cidadania “de baixo para cima”; (3) alargamento do âmbito da nova cidadania, cujo significado e importância estão longe de se esgotar no seu resultado enquanto aquisição formal-legal de um conjunto de direitos. Ela se constitui também enquanto uma proposta de sociabilidade; (4) o processo de construção da cidadania como afirmação e reconhecimentos de direitos. Neste caso, é, especialmente na sociedade brasileira, um processo de transformação das práticas sociais enraizadas na sociedade como um todo; (5) a nova cidadania transcende uma referência central do conceito liberal que é a reivindicação de acesso, o direito de participar efetivamente da própria definição desse sistema, o direito de definir aquilo no qual queremos ser incluídos, a invenção de uma nova sociedade; (6) e, por último, a nova noção de cidadania pode constituir um quadro de referência complexo e aberto para dar conta da diversidade de questões emergentes nas sociedades latino-americanas: da igualdade à diferença, da saúde aos meios de comunicação de massa, do racismo ao aborto, do meio ambiente à moradia.



3. A emergência do movimento LGBT e as Paradas Gays

Se for analisar a etimologia da palavra, homossexual origina-se do grego homo ou homeo, que remete à ideia de semelhança, ou seja, a relações entre pessoas do mesmo sexo. No entanto, a homossexualidade durante boa parte da história da humanidade foi vista como uma perversão sexual. Fernanda de Almeida Brito (2000) explica que, no decorrer da história, diversos estigmas foram criados para nomear as práticas homossexuais, como pederastia (prática homossexual com crianças), sodomia (coito anal entre homens) e lesbianismo (prática homossexual entre mulheres).

Como a homossexualidade está ligada à própria formação das sociedades, é fundamental compreender como ela se articula aos contextos sociais, culturais e históricos. Tal visão é encontrada no pensamento de Michel Foucault. Ao discutir a questão da sexualidade, Foucault (1984) diz que a sexualidade é definida historicamente, socialmente e culturalmente. Para ele, não existe uma definição da sexualidade à priori, ou seja, ao longo da história, os homens foram definindo alguns parâmetros no que se refere à sexualidade. Por isso, o autor pontua que, em diferentes momentos históricos e culturais, a sexualidade foi tratada de forma diferenciada.

Traçando um panorama histórico sobre a questão homossexual, a Grécia Antiga aparece como um ambiente que destoa do clima de preconceito que sempre existiu contra este grupo. O historiador Luiz Carlos Pinto Corino (2006) argumenta se criou uma visão distorcida sobre a questão homossexual na Grécia, imposta, principalmente, pelo Cristianismo. Segundo Corino (2006), em função da visão judaico-cristão de muitos estudiosos do mundo antigo, em diversos momentos, a Grécia foi estudada e caracterizada como lugar de “orgias” e “sodomia”. O autor explica que, na Grécia Antiga, a relação entre homens tinha como objetivo suprir as necessidades não encontradas entre pais e filhos e no casamento. Segundo o autor, no período retratado, as mulheres na Grécia eram consideradas serem inferiores, tanto que não eram vistas como cidadãos e não participavam da vida pública. Em função disso, os homens reuniam-se em pares. O autor esclarece que as relações homossexuais entre homens variavam de acordo com a região na Grécia.

Se na Grécia Antiga, prevaleceu esta visão sobre a homossexualidade que não era considerada como uma anormalidade, como um desvio social, a partir da Idade Média, com a emergência do Cristianismo, houve uma grande reviravolta e a repressão aos homossexuais passou a ser a um das marcas da sociedade que não aceitava o



diferente. Houve muita violência e perseguição contra os homossexuais. Situação que não se restringiu àqueles tempos. A tradição judaico-cristã consolidou-se nos séculos XI e XII. Criou-se, então, como padrão de conduta moral a relação heterossexual, levando em consideração que o essencial era manter a reprodução da espécie. As relações sexuais não deveriam ser fontes de prazer carnal, mas eram uma forma de garantir a reprodução. Tal convicção colocava em xeque a necessidade das relações homossexuais, já que em nada contribuiriam para a manutenção da espécie. Assim, qualquer ato sexual que não tivesse o intuito de procriar a espécie estaria sujeito à condenação. Passou-se a condenar práticas como a homossexualidade, a masturbação, a sodomia e até mesmo a heterossexualidade sem fins de procriação.

Segundo Silva (2011), no entanto, no século XVIII, as coisas começaram a mudar. O Iluminismo, a Revolução Burguesa, o nascimento do Capitalismo e de uma sociedade patriarcal e machista alteraram as condições econômicas, religiosas, políticas, ambientais e sociais da época. O relacionamento entre pessoas do mesmo sexo se tornou, portanto, uma ameaça ao poder das classes dominantes. Para Silva (2011), é a partir desse contexto que podem ser explicadas o surgimento da perseguição, da violência e das infundadas tentativas de “curar” a homossexualidade.

Na atualidade, vive-se uma situação de conflito: por um lado, ainda há um forte preconceito que se manifesta em atos de violência contra os homossexuais. Por outro lado, há uma mobilização por parte das comunidades LGBT na busca de inserção de novos direitos e consolidação dos direitos humanos, o que obriga a sociedade a repensar as suas práticas e a sua visão sobre a homossexualidade. Uma das molas propulsoras das mudanças de comportamento, a economia oferece dados importantes para o surgimento de uma nova postura em relação aos homossexuais. A busca de novos mercados consumidores e a crescente segmentação do consumo encontra em determinadas parcelas dos homossexuais pessoas com poder aquisitivo acima da média nacional.

Estamos vivenciando, desde os anos 70, a emergência e consolidação do movimento gay organizado, que já resultou em várias conquistas, inclusive do ponto de vista jurídico a partir da inclusão de novas leis contra a homofobia, a favor da união civil entre homossexuais, entre outras conquistas. Os movimentos em prol da libertação da sexualidade gay começaram nos Estados Unidos, em 1969, em São Francisco. O dia 28 de junho daquele ano marca para sempre a luta contra a discriminação aos



homossexuais. Nessa data, a polícia de Nova York promoveu, mais uma vez, uma blitz em um bar frequentado por homossexuais, o Stonewall Inn.

Cansados das humilhações e perseguições, os homossexuais que estavam no bar, liderados por travestis, resistiram à polícia, trancando-os dentro do bar e ateando fogo ao recinto. No primeiro aniversário da rebelião, 10 mil homossexuais, provenientes de todos os estados norte-americanos marcharam nas ruas de Nova York, dispostos a seguir lutando por seus direitos. Assim, durante os anos 70, surgiram diversas organizações de gays e lésbicas. Em muitos países, a situação dos homossexuais melhorou sensivelmente.

Castells desenvolve uma análise de como os movimentos de liberação sexual se fortaleceram a partir dos anos 70 do século XX. Ele conta que os cidadãos norte-americanos começaram a repensar algumas práticas sociais, tendo como parâmetros novos atores sociais, como as mulheres (movimento feminista), os homossexuais (movimento GLS) e os ambientalistas (movimento ambiental). Três fatores, segundo Castells, foram determinantes para a consolidação dos movimentos em defesa dos gays e lésbicas: (1) a formação de uma economia informacional avançada nas maiores áreas metropolitanas que gerou um mercado diversificado, que atraiu profissionais para diferentes níveis de habilidades; (2) a grande popularidade da liberação sexual como tema dos movimentos na década de 60 e 70; (3) a separação, física e psicológica, entre homens e mulheres, provocada pelo desafio feminino ao patriarcalismo. O autor enfatiza que o homossexualismo tem a sua própria existência e padrão de desenvolvimento independentes da heterossexualidade.

No Brasil, os homossexuais ainda enfrentam sérios problemas como - existência de uma ideologia homofóbica; repressão policial e violência física; discriminação profissional; marginalidade social; associação automática e discriminatória à Aids; discriminação dentro dos movimentos sociais, políticos e sindicais; e - o mais grave - altos índices de assassinatos por homofobia.

Pamplona (1994) afirma que, se os anos 70 foram cruciais para a liberação sexual, nos anos 80, os homossexuais depararam-se com um grande problema que foi a descoberta do vírus da Aids. No início da doença, que gerou um grande temor na sociedade, sendo considerada como o “mal do século”, a culpa da proliferação da doença recaiu sobre os homossexuais, aumentando o preconceito. E foi justamente nesta década que a cidade de São Francisco, pioneira na luta em defesa dos direitos dos



homossexuais, ganhou visibilidade por se tornar uma das cidades de maior incidência de casos de Aids. Castells (1999) explica que, como resultado e como forma de se protegerem, surgiu um novo movimento dos gays. Dessa vez, passaram a defender relações mais estáveis entre os homossexuais, a fim de evitar os riscos de contaminação da Aids. Reivindicavam, então, o direito de formar famílias. Surgiu, então, a luta pela legalização das uniões entre os gays. Portanto, torna-se uma comunidade homossexual formada por uma elite que reivindicava a inserção de novos direitos, como pode ser remetido à ideia da nova cidadania, apontada por Dagnino (1994), ou seja, a busca por novos direitos.

No Brasil, o movimento GLS vem ganhando força, principalmente na década de 90. Isto não somente em termos de movimentos e na luta por direitos, como o projeto de legalização da união civil entre homossexuais apresentado pela então deputada Marta Suplicy (PT) e aprovado no ano passado pelo Supremo Tribunal Federal (STF), mas também em termos de constituição de um público consumidor potencial. Daí o surgimento, na esfera da comunicação, de muitas publicações GLS e com a Internet a proliferação de sites sobre temáticas GLS. Está em tramitação no Congresso Nacional o projeto de lei que criminaliza a homofobia.

3. Estudo de caso: as paradas LGBT da Região das Vertentes e as estratégias de comunicação

3.1 Histórico do movimento LGBT

O Movimento Gay da Região das Vertentes (MGRV) é uma organização não governamental, sem fins lucrativos e sem vinculações políticas fundada em 2006, inicialmente, por um grupo de lésbicas e gays com o objetivo de promover ações de resistência frente à violência praticada contra a comunidade LGBT na cidade de São João del-Rei e Região das Vertentes. O MGRV surgiu, também, com a iniciativa de promover ações de luta contra a AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis (DST) identificados pelos fundadores como o principal problema de saúde pública da comunidade gay local.

No ano de 2007, o MGRV registrou seu estatuto, ganhou seu cadastro nacional de pessoas jurídicas (CNPJ), o que lhe garante personalidade jurídica. Ainda em 2007, o MGRV organizou uma manifestação contra o espancamento de um homossexual em São João del-Rei. Diante da pressão do movimento organizado, a Câmara Municipal aprovou, por unanimidade, a Lei Municipal N° 4.172/07 que “dispõe sobre a ação do



município no combate às práticas discriminatórias por orientação sexual”, popularmente conhecida como Lei Rosa. No final de 2007, o MGRV realizou o 1º Fim de semana da Diversidade Sexual da Região das Vertentes concentrando ações políticas e culturais durante três dias de evento. Mais tarde, em 2008, o Ministério da Cultura premiou o MGRV pelas atividades desenvolvidas nesse fim de semana com foco no uso da cultura para diálogo com os direitos humanos e saúde na promoção da cidadania LGBT.

O ano de 2008 marcou o avanço na luta pela visibilidade afirmativa da comunidade LGBT na Região das Vertentes. Neste ano, o MGRV conseguiu a aprovação de outra Lei Municipal. Desta vez, a câmara aprovou, por unanimidade, a Lei N° 4.250/08 que “considera o Movimento Gay da Região das Vertentes de utilidade pública municipal”. Em 2009, o MGRV participou de diversas capacitações com foco na formação de lideranças para avanço na luta pelos direitos humanos e saúde da população LGBT.

Em 2010, a Câmara Municipal aprovou, por unanimidade, a Lei N°4.442/10 que “institui o dia municipal contra a homofobia e dá outras providências”. Em 2011, o Ministério da Saúde e UNDOC aprovaram um projeto do MGRV que tornou possível a realização do 1º Encontro Sudeste de Jovens Gays e Homens que fazem sexo com outros homens (HSH). O movimento reuniu 80 lideranças jovens gays de movimentos sociais dos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo na cidade de São João del-Rei, por 04 dias, em que se discutiu o contexto de vulnerabilidade da juventude gay no Sudeste do Brasil frente à epidemia de Aids e outras DST.

Ainda em 2011, o MGRV realizou a 1ª Marcha Municipal contra a Homofobia e tomou como bandeira de luta a criação da Secretaria Municipal de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos. No mesmo ano, o Ministério da Educação, por meio do Edital PROEXT/MEC/SESU, que estimula projetos de extensão e pesquisa, aprovou o projeto da Universidade Federal de São João del-Rei, que está sendo executado ao longo de 2012, em parceria com o MGRV, com financiamento de R\$ 20 mil, intitulado “Centro de Referência em Direitos Humanos e Combate à Homofobia”. Trata-se de um projeto cujas ações focam no uso de instrumentos da comunicação para a transformação cultural visando à construção de uma cultura de paz e respeito à diversidade sexual.

3.2 Histórico das Paradas LGBT na Região das Vertentes

A Parada da Cidadania e do Orgulho de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais da Região das Vertentes realizada em São João del-Rei ocorre desde 2008,



já com quatro edições. Em sua primeira edição, em 2008, ano eleitoral, o MGRV definiu como tema “Nas ruas milhares, nas urnas milhões: Para Vereador e prefeito Vote contra o Preconceito”, reunindo no dia da parada aproximadamente 5 mil pessoas. Várias lideranças nacionais do movimento LGBT participaram da primeira edição focando o discurso na necessidade de eleger candidatos a vereador e prefeito que possuem compromisso com as reivindicações do movimento.

Em 2009, a Parada LGBT foi realizada com recursos próprios do MGRV e teve como tema ‘Seus Direitos, nossos Direitos: Igualdade e Dignidade Já!’, Na ocasião o movimento focou a aprovação do PLC122/2006 – projeto de lei discutido no Congresso e que pretende criminalizar a homofobia no Brasil. Nessa edição, a Parada reuniu cerca de 07 mil pessoas. Em 2010, a Parada começou a se fortalecer, tanto política quanto organizacional. Com respaldo do Departamento de DST/AIDS e Hepatites Virais do Ministério da Saúde e do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime, a manifestação encerra a 3ª Semana da Diversidade Sexual com diversas atividades em escolas secundaristas, universidade, política, eventos culturais e a Parada. Em ano eleitoral, o MGRV adotou como tema: “Voto pela Cidadania: Vote Contra a Homofobia” e reuniu, aproximadamente, 10 mil pessoas.

O ano de 2011 evidenciou o fortalecimento do MGRV. A Parada passou a ser um projeto apoiado e financiado pelo Departamento de DST/AIDS e Hepatites Virais do Ministério da Saúde, UNESCO, Universidade Federal de São João del-Rei e Programa Municipal de DST/AIDS da Prefeitura Municipal de São João del-Rei, focando o uso de estratégias de comunicação para trabalhar as questões envolvidas na Semana da Diversidade e Parada LGBT. Neste ano, a Câmara Municipal aprovou, por unanimidade, o projeto de Lei N°4.702/11 que “institui o dia da Parada da Cidadania e do Orgulho LGBT da Região das Vertentes” incluindo essa manifestação cultural no calendário oficial de eventos do município.

3.3 Análise da Semana da Diversidade Sexual e da Parada Gay de 2011 sob o prisma das estratégias de comunicação

3.3.1 Semana da Diversidade Sexual e Parada Gay: estratégias de comunicação que conciliam o político e o lúdico

Como objeto de análise para se discutir o uso estratégico da comunicação pelos movimentos sociais e, mais especificamente, o movimento LGBT, tomou-se como *corpus* de análise o material produzido e divulgado na 4ª Parada do Orgulho LGBT de



São João del-Rei e Campo das Vertentes em 2011. Foi uma atividade financiada pelo Governo Federal, UNESCO, UFSJ e Prefeitura Municipal de São João del-Rei e teve como premissa o uso de instrumentos da comunicação como estratégia para enfretamento da homofobia.

A Parada LGBT encerra as atividades da Semana da Diversidade Sexual da Região das Vertentes. Em 2011, diversas atividades foram realizadas antes da Parada, tais como uma festa cultural destinada às lésbicas; exibição de filmes, “Milk – A voz da igualdade”; oficina de prevenção à AIDS; utilização da tribuna da Câmara Municipal para dar visibilidade a Semana e a parada LGBT; debate com o curso de jornalismo da UFSJ sobre AIDS, mídia e homossexualidade; realização da edição do “Troféu São João del-Rei de Direitos Humanos e Combate à homofobia”; e, finalmente, a realização da Parada da Cidadania e do Orgulho LGBT da Região das Vertentes.

Quanto à Parada LGBT 2011, o evento reuniu cerca de 10 mil pessoas na principal Avenida da Cidade. Com concentração na Avenida Leite de Castro no período de 13h às 17h, o MGRV abordou discursos sobre a homofobia, o machismo e o racismo. O dia escolhido para acontecer a Parada foi 20 de novembro – Dia da Consciência negra. Com o tema “Bater em gays, travestis e mulheres não te faz mais homem. Direitos Humanos: São João del-Rei sem machismo, racismo e homofobia”, a Parada LGBT percorreu as principais avenidas da cidade histórica. Simbolicamente, é uma forma de mostrar a ocupação política do espaço público.

3.3.2 Revista “Cidadania LGBT”

A novidade da Parada LGBT 2011 em São João del-Rei foi a adoção de estratégias de comunicação para mobilização social, conscientização acerca da testagem para HIV e promoção dos direitos humanos, sobretudo, dos homossexuais. Ao todo, foram publicadas duas edições da Revista oficial da Parada, a “Cidadania LGBT”. A primeira obteve uma tiragem de quatro mil exemplares e foi distribuída um mês antes da realização da manifestação em pontos estratégicos da cidade, tais como: comércio, repartições públicas e universidade federal. Essa primeira edição teve como objetivo divulgar a existência do MGRV, os projetos, ações e convidar para que as pessoas participassem da Parada. O destaque de capa foi a realização da Parada LGBT que reivindica a criação de uma Secretaria Municipal dos Direitos Humanos.

Após a realização da Parada, o MGRV publicou a segunda edição da revista, gratuitamente e com a mesma tiragem da anterior, quatro mil unidades. Desta vez, o



conteúdo abordava questões sobre as atividades realizadas durante a semana da diversidade e as atividades da Parada LGBT, além de incentivar o teste de HIV por entender que este é um problema de saúde pública ainda não resolvido e bastante preocupante em São João del-Rei.

Ambas as edições foram pensadas a partir de um grupo de estudantes do curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFSJ, sob a coordenação de um dos professores do curso. Com as duas edições da revista, o MGRV avalia que cerca de 24 mil pessoas tiveram acesso ao conteúdo da mesma, o que corresponde a 28,5% da população de São João del-Rei, tendo em vista o efeito multiplicador da mídia.

3.3.3 A importância da consolidação sobre saúde coletiva

O principal problema de saúde pública da comunidade gay continua sendo a infecção pelo vírus HIV, causador da AIDS. O boletim epidemiológico do Ministério da Saúde aponta um crescimento de 10.1% nos casos de AIDS entre gays de 15 a 24 anos no Brasil. A taxa de incidência do HIV/AIDS entre gays nessa idade subiu de 9,5 (2000) para 11,1 (2010) - acréscimo de 16,8%. Em São João del-Rei, aproximadamente 250 pessoas vivem com HIV/AIDS. Cerca de 20% são gays, travestis ou homens que fazem sexo com outros homens (HSH). A maioria é jovem com menos de 29 anos.

Ao refletir sobre tal situação, a revista “Cidadania LGBT” apresenta informações sobre a AIDS. Na primeira edição, o foco esteve na divulgação do Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA) – serviço especializado da Prefeitura Municipal para ações de prevenção, testagem, aconselhamento e acompanhamento clínico dos pacientes vivendo e convivendo com HIV/AIDS.

Já a segunda edição divulgou as ações de prevenção na Parada como a “Tenda da Prevenção”, espaço onde os participantes da parada tiveram acesso aos insumos de prevenção (camisinha e gel lubrificante) e informações corretas sobre a doença. Ainda nessa edição, a revista apresentou dados mundiais sobre a doença e incentiva a realização do teste de HIV no CTA da cidade.

3.3.4 A ênfase nos direitos humanos para romper estigmas e a repercussão na mídia regional

A partir da adoção de estratégias de comunicação – Revista “Cidadania LGBT” – estima-se que cerca de 24 mil pessoas tiveram em mãos informações sobre a homossexualidade. A Parada LGBT impacta a cidade em termos econômicos, culturais e em número de pessoas mobilizadas. Dessa forma, os dois principais jornais impressos



de São João del-Rei – *Gazeta de SJDR* e *Folha das Vertentes* – divulgaram a realização da Parada em suas edições que antecederam o evento e na edição após a realização da Parada quando definiram a manifestação como o principal evento da semana. Isso aponta um resultado bastante positivo na sociedade. A Parada também foi tema de notícia no jornal *O Tempo*, de circulação por todo o estado de Minas Gerais.

Na mídia digital, dezenas de sites voltados à população LGBT divulgaram a realização da Parada LGBT. O portal “Acessa”, da cidade de Juiz de Fora, também abordou o tema da parada em uma das suas páginas. Nas publicações, o foco sempre foi na data do evento – Dia da Consciência Negra – local, horário e tema do evento.

Considerações Finais

A cidadania pode ser compreendida pelos movimentos sociais, principalmente àqueles ligados aos direitos humanos e homossexualidade, como uma forma de reivindicação e igualdade. Com isso, ela seria a porta de entrada do sujeito, historicamente excluído, ao espaço público, lugar onde suas pluralidades serão mostradas, questionadas e discutidas. Assim, o apelo à cidadania chama a sociedade a revisar assuntos trazidos pelos movimentos, abrindo espaço para um entendimento e permitindo também, a abertura de um canal para reivindicações de direitos. Conforme frisa Dagnino (1994), ser cidadão, hoje, é buscar pela inserção de novos direitos.

Na busca pela visibilidade e pela legitimidade, a mídia e, especialmente, o jornalismo constituem instâncias importantes para os movimentos sociais, como o Movimento LGBT, têm procurado utilizar o espaço midiático. O jornalismo assume o lugar central para que esses movimentos apresentem suas demandas.

No caso do Movimento Gay da Região das Vertentes (MGRV), com a adoção de estratégias de comunicação - criação de duas revistas durante a 4ª Parada LGBT do Campo das Vertentes em 2011 - para mobilização social, conscientização acerca da AIDS e promoção dos direitos humanos, sobretudo, dos homossexuais, foi possível que cerca de 24 mil pessoas tivessem acesso a informações sobre direitos humanos e homossexualidade. O número corresponde a 28,5% da população de São João del-Rei, cidade sede da parada.

Além disso, diversos meios de comunicação, como sites e jornais, de relevância municipal, estadual e federal, divulgaram a realização da Parada LGBT. Isso comprova que a visibilidade que o jornalismo dá aos temas dos direitos humanos, no caso a 4ª



Parada LGBT, contribui fortemente para que as demandas atinjam um público maior e divulguem seus interesses.

Referências

BRITO, Fernanda Almeida. *União afetiva entre homossexuais e seus aspectos jurídicos*. São Paulo: Editora LTDA, 2000.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CORINO, Luiz Carlos Pinto. “Homoerotismo na Grécia Antiga – homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades”. In: *Revista do Departamento de Biblioteconomia – Biblios*. Rio Grande do Sul, v.19, 2006, p.19-24.

COSTA, Ronaldo Pamplona T. da (org.). *Amor e sexualidade: a resolução dos preconceitos*. São Paulo: Editora Gente, 1994.

DAGNINO, Evelina (Org.). *Os anos 90: política e sociedade no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MENDES, Carla Martoni. *As Estratégias Políticas do Movimento Gay de Minas Gerais (MGM construídas simbolicamente na ciberesfera pública*. Juiz de Fora, 2008. (Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado em Comunicação Social da Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC).

MOTT, L.; CERQUEIRA, M. *Matei porque odeio gay*. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2003.

PORTAL GAY DE MINAS GERAIS. Informações gerais (matérias e artigos). Disponível em: <<http://www.mgm.org.br/portal/>>. Acesso em 10 de março de 2011.

RODRIGUES, Adriano Duarte. *Estratégias de comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

SILVA, W. H. *O PSTU e a homossexualidade*. São Paulo: Secretaria Nacional de Gays, Lésbicas e Homossexuais do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU), 1994. Disponível em: <<http://www.pstu.org.br>>. Acessado em: 10 de março de 2011.

TESÓN, Nestor Eduardo. *Fenomenologia da homossexualidade masculina*. São Paulo: Edicon, 1989.

TORRES, Marco Antônio. “Os significados da homossexualidade no discurso moral-religioso da Igreja Católica em condições históricas e contextuais específicas”. In: *Revista de Estudos da Religião*. São Paulo, 2006.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2000.